



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA HUMANA E ETNOBOTÂNICA

O ARTESANATO DE TABOA (*Typha cf. dominguensis* Pers.) E JUNCO
(*Androtrichum trigynum* (Spreng.) H. Pfeiff.) NA GUARDA DO EMBAÚ,
PALHOÇA, SC.

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas, no Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, disciplina BIO5156.

ORIENTADORA: NATALIA HANAZAKI

LEONARDO BITENCOURT

Florianópolis, 2009

Dedico esta monografia aos meus queridos pais.

Agradecimentos

A Deus, por fazer de tudo isso possível.

A Prof^a Natalia pela orientação, pela paciência e por acreditar em mim.

Aos meus pais, por todo apoio, carinho e amor e a minha família, em especial meus irmãos Rafael e Michelly, minha madrinha Inara, meus tios Carlinhos e Almerinda e meu primo Leandro.

Aos artesãos da Guarda do Embaú, que bondosamente permitiram a realização deste trabalho.

A todos do laboratório de Etnobotânica e Ecologia Humana, por toda ajuda.

Às minhas queridas Marina, minha menina, Evelliny e Juliana por sempre estarem lá por mim.

Aos meus amigos de infância Marcelo, Douglas, Ale, Elisa, Pri, Fernando, Nany e Vinícius. Vocês sabem o quanto foram, são e serão importantes na minha vida.

A todos os meus amigos e colegas de graduação, tão importantes na minha formação nas horas de discussão, estudos, projetos e parceria. Em especial à Juliana, minha companheira de ‘busão’ e principal parceira em inúmeros trabalhos, ao Guilherme, Macca, Ellen, Cecília, Aline, Victoria, Zique, Cauê e Hugo. Espero que eu tenha conseguido deixar claro o enorme carinho que guardo por vocês.

Ao pessoal da Simbiosis, por todos os momentos juntos, meu especial agradecimento ao Fred, Kika, Luisa, Gladis, Sandra. Aprendi muito com vocês!

A equipe que trabalhou comigo no PEST – Halis, Flora, Mariama, Adri, Pimenta,
Tortato e Victor - por todos os bons momentos e valiosos conhecimentos
compartilhados .

À Lica, por todo apoio nesta pesquisa e conversas sempre muito enriquecedoras.

Por fim, aos servidores e professores que contribuíram pra que esse momento existisse.

Em especial aos professores Verinha, Paulo Hoffmann, Paulinho, Margherita, Leandro,
Narjara, Danilo e Kay que foram grandes inspirações pra mim.

Sumário

Lista de Figuras.....	06
Resumo.....	08
1. Introdução.....	09
2. Objetivos.....	15
2.1. Geral.....	15
2.2. Específicos.....	15
3. Metodologia.....	16
3.1. Área de Estudo.....	16
3.1.1. Guarda do Embaú.....	16
3.1.2. O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e o Mosaico de Unidades de Conservação Terras do Massiambu.....	18
3.2. Descrição Botânica das Espécies.....	21
3.2.1. Taboa (<i>Typha cf. dominguensis</i>).....	21
3.2.2. Junco (<i>Androtrichum trigynum</i>).....	22
3.3. Levantamento Prévio.....	23
3.4. Coleta de Dados.....	23
3.5. Retorno.....	24
4. Resultados e Discussão.....	26
4.1. Perfil dos Informantes.....	26
4.2. O Artesanato da Taboa e do Junco.....	30
4.3. Os Artesãos e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.....	37
5. Considerações Finais.....	39
6. Referências.....	41

Anexos

Lista de Figuras:

1	Baixada do Massiambu. A seta indica a localização da Guarda do Embaú (Fonte: modificado de OLIVEIRA, 2005).....	17
2	Localização do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. (Fonte: SOCIOAMBIENTAL, 2002).....	19
3	<i>Typha dominguensis</i> . (Fonte: http://www.ufscar.br/~probio/m_thypha.jpg)...22	
4	Faixas de idade número de artesãos entrevistados na Guarda do Embaú, Palhoça, SC.....	26
5	Tempo de prática do artesanato e número de artesãos entrevistados da Guarda do Embaú, Palhoça, SC.....	27
6	Esteira de taboa. (Foto: Marli Luisa Juarez y Sales).....	30
7	Horas dedicadas ao artesanato diariamente pelos artesãos e número de artesãos entrevistados na Guarda do Embaú, Palhoça, SC.....	30
8	Coleta da taboa por artesãos da Guarda do Embaú, SC. (Foto: D. Cotinha).....	31
9	Taboas (<i>Typha dominguensis</i>) dispostas ao sol. (Foto: Leonardo Bitencourt).....	33
10	Juncos (<i>Androtrichun trigynum</i>) dispostos ao sol. (Foto: Leonardo Bitencourt).....	33
11	Artesã trançando fibras de taboa num tendar. (Foto: Marli Luisa Juarez y Sales).....	34

12	Locais de coleta da taboa e do junco por artesãos da Guarda do Embaú, Palhoça, SC. (modificado a partir de GoogleEarth, 2009).....	35
-----------	---	----

Resumo

O conceito de artesanato é muito próximo ao conceito de arte, e pode ser definido como o fazer eminentemente manual. Já o artesão tradicional é aquele que emprega e transmite, em seu trabalho, valores, técnicas e signos amadurecidos e aceitos no sistema cultural a que ele mesmo pertence, é conhecedor do meio em que vive e evidencia na sua arte o próprio meio ambiente em que vive. O objetivo do presente trabalho é investigar o uso da taboa (*Typha cf. domingensis* Pers.) e do junco (*Andropogon trichyphum* (Spreng.) H. Pfeiff.) para confecção de artesanato por moradores da Guarda do Embaú, uma área costeira localizada na Baixada do Massiambu, município de Palhoça, SC. Trata-se de uma área que possui fortes tendências de balnearização e está inserida numa Área de Proteção Ambiental contígua a uma unidade de conservação de proteção integral que foi recém alterada, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Existem dez artesãos tradicionais, sendo que oito aceitaram participar da pesquisa. A média da idade dos informantes é de 56 anos e a maioria pratica a atividade há mais de 20 anos. Apesar de dedicarem por volta de cinco horas diárias a atividade, e a maioria afirmar que possui grande importância para a renda familiar, o artesanato é encarado como uma ajuda ou complemento da renda. A atividade existe há décadas, porém o interesse em aprender a atividade pelos mais jovens vem diminuindo devido à baixa remuneração e dificuldade de se conseguir matéria-prima. O artesanato tradicional local aliado ao neoeextrativismo, com um manejo sustentável dos recursos, pode auxiliar a conservação da biodiversidade local e contribuir para a geração de renda da comunidade. Espera-se que o levantamento das informações etnobotânicas e do processo artesanal baseado em taboa e junco na Guarda do Embaú presentes neste estudo possam ter importância na elaboração de políticas e programas de incentivo ao artesanato como atividade econômica sustentável para a localidade.

1. Introdução

Os conceitos atuais de artesanato estão muito próximos de arte, ou seja, um plano que une o trabalho de artesanaria ao trabalho de criatividade (FUNARTE, 1978). Em alguns dicionários da língua portuguesa ‘artesanato’ significa ‘arte do artesão’, e artesão é sinônimo de artista, indivíduo que exerce sua própria arte (RUSSI, 2004). Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual (LIMA, 2003). Isto é, as mãos são as principais executoras do trabalho e, ainda que por vezes se faça o uso de ferramentas, até mesmo de máquinas, esse uso ocorre de maneira auxiliar, sem ameaçar a predominância do fazer manual. Outra característica importante do artesanato é a liberdade que o artesão possui para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar, a forma que pretende dar ao objeto, produto da sua criação, de seu saber, de sua cultura (LIMA, 2005). Assim, o artesanato seria o *feito-a-mão*, um toque de qualidade humana acima da massificação do produto que a máquina imprime (FUNARTE, 1978).

O conceito da palavra arte foi, ao longo da história ocidental, definida, interpretada e classificada por meio de palavras que estabeleceram, por vezes, categorias hierárquicas (RUSSI, 2004). Frequentemente, os conceitos de artesanato e artesão estão dispostos em posição de inferioridade em relação às demais artes. Sobre essa aparente distinção de arte erudita e arte popular, como o artesanato, Lima (2003) observa que esta questão está ligada à distinção de classes sociais, refletindo a oposição entre o saber, que remete às classes mais altas da sociedade, e o fazer, que, por sua vez, remete-se às classes mais baixas. De tal modo que o fazer artístico relaciona-se a um conhecimento superior, negando-se as classes mais baixas a capacidade de pensar e de expressar-se racionalmente, cabendo-lhe apenas o fazer artesanal. Para Baía *et al.*

(2007), essa lógica capitalista de separação do trabalho intelectual e o trabalho manual acaba por condenar a produção popular ao nível da irracionalidade e da espontaneidade do fazer.

Saviani (1998) descreve como o artesanato se organizou em diferentes “sistemas” ao longo de sua história: de um “sistema familiar” na Idade Média, o artesão passa a organizar-se num “sistema de corporações”, deslocando-se para a cidade e produzindo para um mercado pequeno e estável, e aos poucos torna-se um assalariado e, a partir do final do século XIX aos nossos dias, conduz à implantação do “sistema fabril”, onde os trabalhadores tornam-se totalmente dependentes da propriedade e dos instrumentos de trabalho pertencentes ao empregador.

No entanto, as características indicadas acima não foram significativas no Brasil onde, diferentemente do que ocorreu na Europa, o artesanato não desempenhou o papel de base técnica para o desenvolvimento industrial. No Brasil, a riqueza e o caráter dos seus componentes étnicos e antropológicos apresentam ainda uma produção genuína de várias formas artesanais de caráter popular (RUGIU, 1998).

Segundo Vives (1983), o artesão tradicional é aquele que emprega e transmite, em seu trabalho, valores, técnicas e signos amadurecidos e aceitos no sistema cultural a que ele mesmo pertence. A relação do artesanato com a tradição faz com que muitas vezes grupos sociais que tiram do artesanato seus meios de existência sejam catalogados como partes de uma sociedade tradicional que se define por oposição a uma sociedade moderna (ALVIM, 1983). Na localidade da Guarda do Embaú, localizada na Baixada do Massiambu, município de Palhoça, o artesanato tradicional vem perdendo sua expressão aos longos dos anos, dado ao processo agressivo de transformação que atinge esta localidade. Este artesanato tem como fonte de matérias primas recursos vegetais locais oriundos de extrativismo, porém, por estar situada no entorno do Parque Estadual

da Serra do Tabuleiro¹ (PEST), uma unidade de conservação de proteção integral, a comunidade conviveu trinta e quatro anos impedida de explorar legalmente os recursos naturais existentes. No ano de 2009, esta Unidade de Conservação sofreu uma alteração e, segundo a lei nº 14661², áreas desta localidade passam a ser a Área de Proteção Ambiental (APA) do Entorno Costeiro do PEST.

De acordo com a lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), uma Unidade de Conservação (UC) é um espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

As UC's brasileiras encontram-se divididas em dois grupos subdivididos em diferentes categorias, segundo o SNUC (2000):

- Unidades de Proteção Integral: cujo objetivo é preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais. As categorias de Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre pertencem a esse grupo.
- Unidade de Uso Sustentável: seu objetivo é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parte de seus recursos naturais. As

¹ Criado a partir do Decreto nº 1.260/75.

² LEI Nº 14.661, de 26 de março de 2009. Reavalia e define os atuais limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, criado pelo Decreto nº 1.260, de 1º de novembro de 1975, e retificado pelo Decreto nº 17.720, de 25 de agosto de 1982, institui o Mosaico de Unidades de Conservação da Serra do Tabuleiro e Terras de Massiambu, cria o Fundo Especial de Regularização, Implementação e Manutenção do Mosaico - FEUC, e adota outras providências.

categorias de Área de Proteção Ambiental, Reserva Extrativista e Reserva de Desenvolvimento Sustentável pertencem a este grupo.

A categoria Área de Proteção Ambiental, uma UC de Uso Sustentável, permite maior acesso à população aos recursos do seu território. Segundo o SNUC (2000), é definida por:

A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

A área do PEST apresenta, desde sua criação, um histórico de conflitos de diversas origens com o seu entorno. Apesar da reconhecida importância para a conservação desta área, a implementação do Parque se deu de maneira incompleta, o que impossibilitou que fossem atendidos os objetivos propostos pela Unidade de Conservação. Segundo Oliveira (2005), pressões adversas somadas à descontinuidade das ações e à carência de recursos financeiros, humanos, administrativos e políticos culminaram em omissões, negligências, incompreensões e enganos durante a implantação do PEST gerando conflitos no Parque e no seu entorno. Em sua tese, Oliveira (2005) alega que os conflitos são agravados pela especulação imobiliária, pelas atividades econômicas (emergentes ou não), pelas atribuições e competências institucionais e pelas restrições ao uso de propriedade.

Muitos esquemas de áreas protegidas não consideraram apropriadamente a importância das formas pelas quais as comunidades locais se abastecem em alimento, medicina, habitação, energia e suprem outras necessidades básicas (PIMBERT & PRETTY, 2000). Muitas das práticas conservacionistas, como a implantação de parques

nacionais e reservas naturais são marcadas pelo autoritarismo de muitas das instituições governamentais e de várias organizações não-governamentais conservacionistas nacionais e internacionais (DIEGUES, 2000). Normalmente, as pessoas que moram no interior ou no entorno das áreas não participam, ou têm pouca atuação, nessas decisões (PIMBERT & PRETTY, 2000), ignorando seu vasto conhecimento e práticas de manejo de florestas, rios, lagos e ambientes costeiros (DIEGUES, 2000). De maneira ainda mais drástica, as unidades de conservação de proteção integral não permitem a interferência do homem no ambiente natural, ou seja, a legislação determina o afastamento do ser humano de um espaço que anteriormente abrigava os sistemas social e natural de maneira entrelaçada (MARTINS & FLORIT, 2009).

Deste modo, conflitos, como acontecem no PEST, das populações do entorno e do interior se tornam recorrente nas diversas unidades de conservação do país. Sobre tal situação, Diegues & Arruda (2001) discorrem:

As áreas protegidas brasileiras, em particular as de uso indireto, no entanto, encontram-se em crise; muitas são invadidas e degradadas. Para os defensores do modelo norte-americano de parques sem moradores, as razões de tal crise, em geral, estão relacionadas à falta de dinheiro para a desapropriação, de investimento público, de fiscalização e de informação aos visitantes. Para os que defendem outras alternativas de conservação, essas dificuldades são inerentes ao modelo atual predominante nas áreas protegidas, uma vez que, tendo sido criado no contexto ecológico e cultural norte-americano, não se aplica ao contexto dos países tropicais do sul (Diegues e Arruda 2001, p.15).

Visando a mediação deste tipo de conflito muitos projetos contemporâneos têm buscado base nas abordagens de pesquisas e nas ferramentas de coleta e análise de dados da Etnobiologia (SOUZA *et al*, 2003, SOUZA, 2007). A Etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia, procurando entender o papel da natureza no

sistema de crenças e sua adaptação a determinados ambientes (POSEY, 1987). A Etnobotânica, mais especificamente, se ocupa do estudo da inter-relação de homens e plantas num sistema dinâmico de componentes naturais e sociais (ALCORN, 1995). Entre as questões que a Etnobotânica aborda estão o desenvolvimento local, a sustentabilidade no uso dos recursos e objetivos voltados para as demandas das populações detentoras do conhecimento (HANAZAKI, 2006). Para tanto, utiliza abordagens interdisciplinares, pesquisa participativa e ferramentas qualitativas e quantitativas de coleta e análise de dados.

O estudo etnobotânico é potencialmente interessante ao contribuir em áreas com os mais diferentes enfoques, como o subsídio a políticas públicas locais, a conservação da biodiversidade através da etnoconservação, a bioprospecção de novos fármacos e insumos farmacêuticos, o etnomanejo, a valorização da cultura local, entre outros (SÁ, 2007). Segundo Hanazaki (2006), um dos desafios dos pesquisadores que trabalham nessa área é de incorporar os pressupostos da conservação biológica na etnobotânica e de efetuar estudos etnobotânicos direcionados para problemas de conservação biológica em coerência com as necessidades das populações locais.

2. Objetivos

2.1. Geral

O objetivo geral do presente trabalho é investigar o uso da taboa (*Typha* cf. *dominguensis* Pers.) e do junco (*Androtrichum trigynum* (Spreng.) H. Pfeiff.) para confecção de artesanato por moradores da Guarda do Embaú, uma área costeira localizada na Baixada do Massiambu, município de Palhoça, SC.

2.2 Específicos

Especificamente os objetivos são:

- Registrar o conhecimento etnobotânico local sobre o uso da taboa (*Typha dominguensis*) e do junco (*Androtrichum trigynum*) por moradores que praticam o artesanato da Guarda do Embaú;
- Analisar a opinião destes perante as novas perspectivas de desenvolvimento para a área;
- Promover um maior reconhecimento da arte tradicional praticada por estes moradores.

3. Metodologia

3.1. Área de Estudo

3.1.1. Guarda do Embaú

Localizada no município de Palhoça, na Baixada do Massiambu, a Guarda do Embaú, é uma comunidade de pescadores, com origens açorianas, e é considerada uma das 10 praias mais bonitas do Brasil (SOCIOAMBIENTAL, 2002). O rio da Madre divide o vilarejo da faixa litorânea, esta pertencente ao município de Paulo Lopes. Segundo Farias (2004), o nome Guarda do Embaú é antigo e data do século XVII, onde no local, devido à sua importância para comunicação, transporte de mercadorias e pessoas ligando Desterro ao Rio Grande de São Pedro (atuais Florianópolis e Rio Grande do Sul), existia uma guarnição próxima ao rio que guardava esta passagem, responsável por cobrar os tributos reais. A palavra Embaú acredita-se estar relacionada à embaúba (madeira oca, utilizada pelos pescadores para fazer estivas, geralmente pertencente ao gênero *Cecropia*). Outra possibilidade, relatada pelos moradores mais antigos, é a existência de um tesouro, guardado num baú, que estaria escondido nas proximidades do rio.

Quanto à sua ocupação, deu-se primeiro por indígenas, e ainda hoje se encontram diversos sítios arqueológicos na localidade e arredores (COMERLATO, 2005; FATMA, 2008), e depois pela expansão da ocupação litorânea da parte continental próxima a Ilha de Santa Catarina, principalmente da Enseada do Brito, e da região de Laguna (SEVERO, 2008). Nesta região, as características cênicas litorâneas, associadas à proximidade relativa do pólo regional e da BR 101, indicam claramente tendências de balnearização. Porém, ainda há no local uma comunidade remanescente de pescadores que vem sofrendo pressões do movimento turístico. É social e culturalmente muito diversificada, fruto do processo de transformação enérgica por que passa (OLIVEIRA,

2005). Na figura 01, encontra-se a Baixada do Massiambu. No centro está presente a praia da Pinheira, acima está a Praia do Sonho e abaixo a Guarda do Embaú e o Rio da Madre. Na imagem é possível ver os cordões arenosos semicirculares originados por regressões e transgressões marinhas Quaternárias (OLIVEIRA, 2005).



Figura 01. Baixada do Massiambu. A seta indica a localização da Guarda do Embaú (Fonte: modificado de OLIVEIRA, 2005)

3.1.2. O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e o Mosaico de Unidades de Conservação Terras de Massiambu

O PEST está localizado entre as latitudes 27° 41' 09" S e 28° 12' 42" S e entre as longitudes 48° 49' 20" O e 48° 25' 08" O (Figura 02), aproximadamente na porção centro-leste do estado de Santa Catarina. Ocupa uma área de 87.405 ha, correspondendo a 1% do território do estado de Santa Catarina. Originalmente, a área do parque estava distribuída em nove municípios – Florianópolis, Palhoça, Paulo Lopes, Garopaba, Imaruí, São Martinho, São Bonifácio, Águas Mornas e Santo Amaro da Imperatriz. É formado por duas grandes fisionomias: de um lado a serrana, composta pelas Serras do Tabuleiro e do Cambirela, além de parte da Serra do Capivari e, de outro, o ambiente de planície litorânea, que vai desde a foz do rio Massiambu, na margem direita até a Gamboa, excluindo as praias da Pinheira e Sonho e a Vila da Guarda do Embaú (SOCIOAMBIENTAL, 2002). As publicações que tratam da história do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro têm por consenso que a sua criação, em 1975, se deu graças à dedicação dos cientistas e biólogos Dr. Roberto Miguel Klein e Dr. Raulino Reitz, cuja credibilidade, critério científico, sensibilidade humana e visão de futuro levaram à aceitação de seus argumentos para proteção dessa área (OLIVEIRA, 2005).

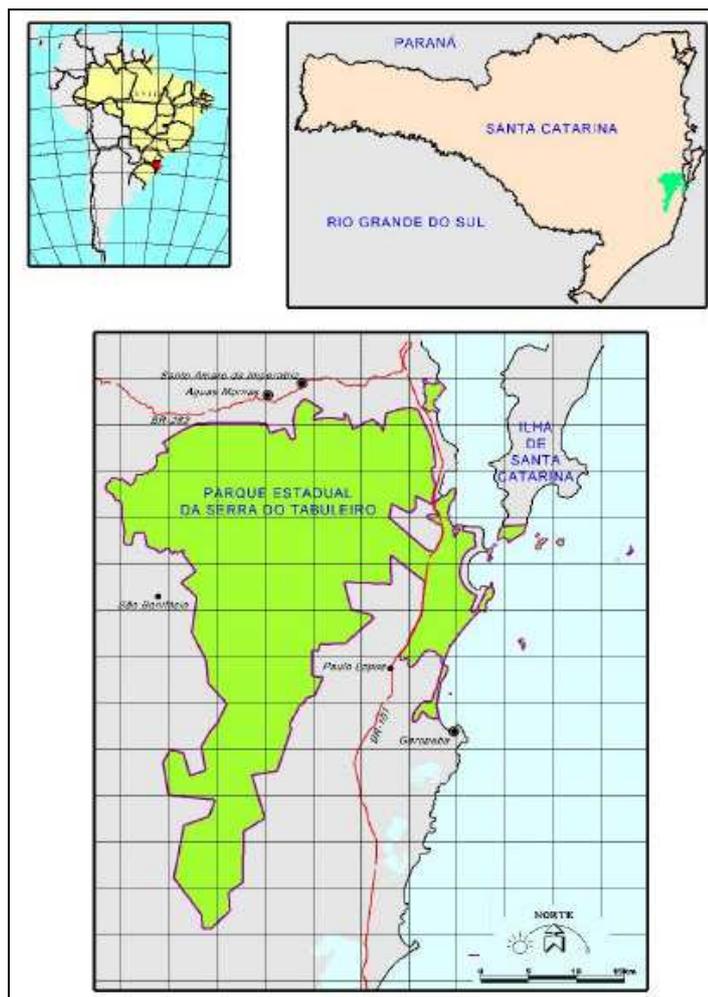


Figura 02. Localização do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. (Fonte: SOCIOAMBIENTAL, 2002)

Em 2009, numa tentativa de resolver os vários conflitos históricos e de diversas origens relacionados à implantação (ou ausência de) do PEST, o poder público instituiu uma nova organização da área pertencente ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro: o Mosaico de Unidades de Conservação Serra do Tabuleiro e Terras de Massiambu. De acordo com o relatório oficial, intenciona-se com este *Mosaico*, construir ordenamento territorial que permita a gestão integrada das Unidades de Conservação a serem constituídas e do PEST. Esta intenção busca retomar as justificativas dos idealizadores do PEST, que não estavam fundamentadas apenas na proteção integral destas áreas, mas sim na promoção de um desenvolvimento harmônico e benéfico, tanto para a humanidade como para as populações locais.

Neste sentido, segundo a lei nº 14.661, de 26 de março de 2009 o mosaico contempla cinco Unidades de Conservação:

- Parque Estadual da Serra do Tabuleiro - PEST
- Área de Proteção Ambiental da Vargem do Braço;
- Área de Proteção Ambiental do Entorno Costeiro do PEST;
- Área de Proteção Ambiental de Naufragados e Ilhas Oceânicas; e
- Área de Proteção Ambiental da Vargem do Cedro.

Deste modo, a localidade Guarda do Embaú está localizada na zona de amortecimento da APA do Entorno Costeiro do PEST que, segundo o artigo 17 desta mesma lei, tem como objetivos:

- I - o desenvolvimento sustentável das comunidades costeiras do entorno do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro;
- II - a proteção ambiental e o valor ecológico das áreas remanescentes de mata atlântica e cordões litorâneos;
- III - a harmonização da preservação ambiental com o ordenamento, uso sustentável e racional dos recursos naturais da região;
- IV - o ordenamento da ocupação, uso e utilização do solo e das águas;
- V - o disciplinamento do uso turístico e recreativo;
- VI - a proteção e recuperação ambiental de áreas ocupadas por proprietários rurais e não rurais, com vista a preservar o valor biótico e econômico;
- VII - o ordenamento das atividades de pesquisa científica e produção tecnológica na área da construção civil sustentável; e
- VIII - o ordenamento dos loteamentos turísticos e populares, garantindo implementação de obras de saneamento e recuperação ambiental.

3.2. Descrição Botânica das Espécies

3.2.1. Taboa (*Typha cf. dominguensis* Pers.)

Planta herbácea perene, integrante da Família Typhaceae que contém um único gênero *Typha* (JOLY, 1987), conhecida popularmente por taboa. Sua distribuição é quase cosmopolita, concentrada no Hemisfério Norte, e possui de 10 a 15 espécies, das quais provavelmente apenas uma ou duas ocorrem de maneira nativa no Brasil (LORENZI, 2005). *Typha dominguensis* (Figura 03) é uma espécie rizomatosa, podendo ser palustre ou aquática emergente. Sua importância ecossistêmica refere-se à grande quantidade de matéria orgânica produzida pela sua decomposição, e a participação da maior parte desta na teia alimentar de detritos (SANTOS & ESTEVES 2002). Dentre outros usos, plantas de *Typha* são capazes de absorver metais pesados, inclusive o cobre, podendo contribuir para o saneamento ambiental e é indicada como depuradora natural de ambientes aquáticos (REITZ, 1984). Tem caráter invasor e de rápido crescimento, no entanto, seu manejo ocorre de forma tradicional em muitos lugares do mundo e seus rametes são coletados e utilizados para a confecção de utensílios domésticos e peças artesanais por agricultores e ribeirinhos (SOUZA, 2003), como também pela comunidade caiçara no litoral paulista (HANAZAKI *et al.*, 2007).

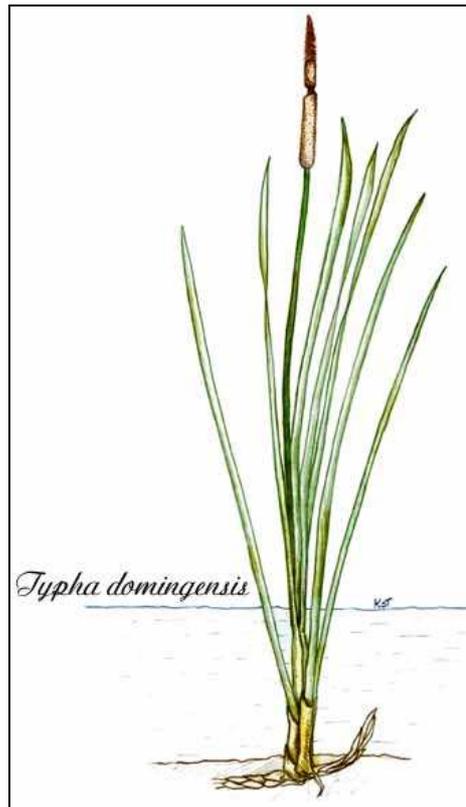


Figura 03. *Typha dominguensis*. (Fonte: http://www.ufscar.br/~probio/m_thypha.jpg)

3.2.2. Junco (*Androtrichum trigynum* (Spreng.) H. Pfeiff.)

A espécie chamada de junco pelos artesãos da Guarda do Embaú é o *Androtrichum trigynum* e pertence à família Cyperaceae. Esta família contém representantes herbáceos, que crescem em sua maioria em terrenos brejosos ou alagadiços (JOLY, 1987). Apresenta distribuição cosmopolita e inclui cerca de 120 gêneros e 4.500 espécies; no Brasil ocorrem 45 gêneros e entre 500 a 600 espécies, encontradas principalmente em áreas abertas e alagáveis. (LORENZI, 2005). Segundo Costa *et al.* (1988), o *Androtrichum trigynum* é uma espécie endêmica do litoral atlântico, distribuindo-se do Brasil austral até o Uruguai e a Argentina, habitando depressões úmidas e secas entre dunas estáveis influenciadas por lençol freático e dominante nos brejos periodicamente alagados.

3.3. Levantamento Prévio

Atualmente, existem poucos artesãos tradicionais na Guarda do Embaú. Chegou ao meu conhecimento que uma moradora local estava promovendo ações que fomentassem o desenvolvimento local a partir das práticas tradicionais locais, como a pesca e o artesanato. Esta moradora apresentou-me a uma artesã, para quem expliquei os propósitos de meu estudo. Segundo esta informante, havia cerca de dez famílias que hoje se ocupam com o artesanato de taboa e junco na Guarda do Embaú. Todas as famílias foram procuradas e a elas foi explicado sobre o estudo e, caso aceitassem participar, uma visita era agendada. Houve duas recusas de artesãos locais, sendo efetuadas oito entrevistas.

3.4. Coleta de Dados

Segundo Albuquerque *et al.* (2008), os dados de uma entrevista podem ser contaminados por diversos motivos, como o comportamento do entrevistador, a forma como as perguntas são direcionadas e formuladas, presença de terceiros na entrevista e a hora e o momento da entrevista. Tais questões foram observadas ao agendar a entrevista, que normalmente ocorriam enquanto o artesão se dedicava à prática do seu artesanato. Para aqueles que aceitassem participar do estudo era apresentado o termo de consentimento prévio e informado, que após lido era assinado (Anexo A).

Para a coleta de dados sócio-econômicos e etnobotânicos foram utilizados os seguintes métodos: entrevistas semi-estruturadas (Anexo B) e inventário (Anexo C). O questionário semi-estruturado foi utilizado para coleta de dados sócio-econômicos e etnobotânicos, por apresentar maior flexibilidade, permitindo aprofundar elementos que podem surgir durante a entrevista (ALBUQUERQUE *et al.*, 2000) Dentre as

informações que se buscou acessar através deste questionário estão: a) há quanto tempo pratica seu ofício; b) como o aprendeu; c) quais artefatos é capaz de fazer e, d) qual contribuição tem na renda familiar. Num segundo momento, a fim de levantar mais informações sobre as plantas utilizadas, foi realizado um inventário com cada informante. Nele, o informante listou livremente as espécies que utiliza atualmente para confecção de seus artesanatos, seus usos, qual(is) parte(s) é(são) utilizada(s), uma estimativa da quantidade utilizada por artigo e origem.

A fim de melhor identificar as áreas onde os artesãos exploram a taboa e o junco, foram utilizadas duas imagens aéreas da região da Baixada do Massiambu (anexo D). Primeiro era explicado sobre as imagens, localizava-se pontos referenciais, como a Praia da Pinheira, o Rio da Madre, a rodovia BR 101, a delegacia de polícia, a rodovia SC-433, a vila da Guarda do Embaú, do Morretes, entre outros, e então os artesãos indicavam os lugares onde extraem os vegetais atualmente.

3.5. Retorno dos Resultados

Em estudos etnobiológicos sugere-se que seja realizado um retorno dos resultados à comunidade estudada, seguindo os preceitos da Declaração de Belém (Campos, 2000). Este retorno tem como origem este trabalho e como objetivo proporcionar alguma melhoria para os artesãos tradicionais da Guarda do Embaú. A partir de observações, diagnosticou-se que uma das dificuldades enfrentadas pelos artesãos é o pequeno reconhecimento do seu trabalho, o que, acredito, está relacionado à falta de divulgação e informação a respeito do seu artesanato tradicional. Sendo assim, foi elaborado um folheto com informações sobre o a cultura do artesanato local (Anexo E), tendo como público alvo os turistas hospedados em pousadas do local. O folheto contém informações sobre o artesão e o artesanato tradicional com intuito de valorizá-los. Os

números de telefone dispostos foram apenas os pertencentes aos artesãos que participaram da pesquisa e aceitaram colocar seu contato.

4. Resultados e Discussão

4.1. Perfil dos Informantes

A partir dos dados coletados com a entrevista semi-estruturada, procurou-se descrever um perfil dos moradores da Guarda do Embaú que praticam artesanato. Das dez famílias que se ocupam do artesanato atualmente, foram entrevistados oito artesãos. A idade varia de 28 a 73 anos, com a média sendo de 58 anos (figura 04). A partir das entrevistas, ficou claro que a cultura local vem sofrendo mudanças, assim como qualquer cultura humana. A tradição do artesanato da taboa e do junco vem perdendo sua importância e, segundo os mais velhos, está fadada ao esquecimento. Para eles, a atividade vem sendo abandonada devido a um desinteresse dos mais jovens em aprender a arte decorrente da baixa remuneração pelo trabalho e da dificuldade de obter a matéria-prima nos últimos tempos.

De um de total de oito, sete são do sexo feminino, demonstrando que o artesanato de taboa e do junco na Guarda do Embaú é uma tarefa predominantemente feminina. Tradicionalmente, as mulheres se dedicavam ao artesanato enquanto os homens se dedicavam a pesca e aquele era qualificado como uma ‘ajuda’ para a renda familiar. Isso se reflete nos dias atuais ao observar que apenas uma pessoa identificou sua profissão como artesã. O termo ‘ajuda’, utilizado por alguns informantes para definirem este trabalho não é característica apenas encontrada na Guarda do Embaú. Segundo o estudo de Heye (1983), este termo também é encontrado na Paraíba do Sul, RJ, e nas favelas do Rio de Janeiro e se dá devido a uma série de fatores que diferenciam a sua atividade artesanal, doméstica e informal do que consideram como trabalho, como por exemplo o fato de não ter um patrão, horário fixo e do artesão não precisar sair de casa.

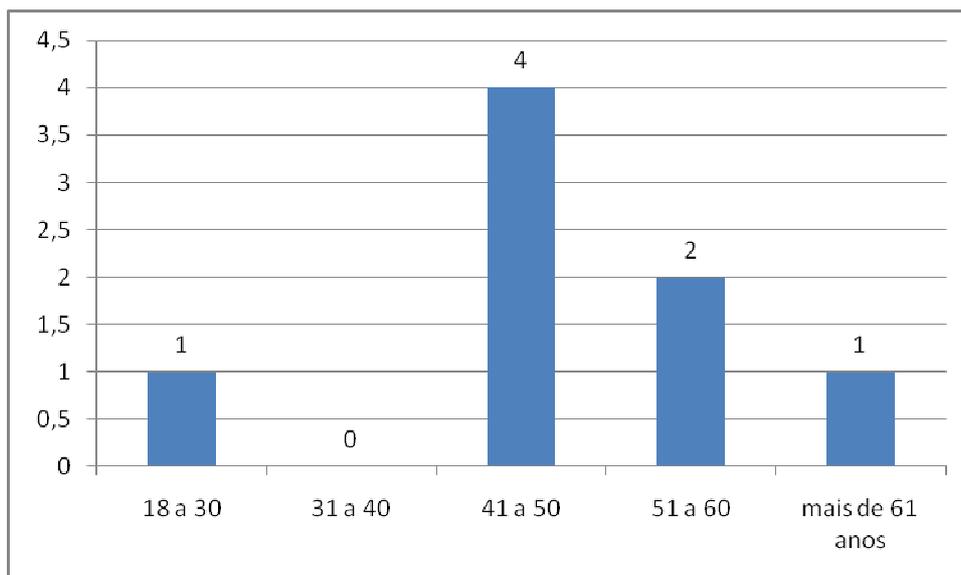


Figura 04. Faixas de idade número de artesãos entrevistados na Guarda do Embaú, Palhoça, SC.

Quanto ao tempo de prática, a maioria dos artesãos praticam o artesanato há mais de 20 anos, um pratica há mais de dez anos e outro pratica há mais de um (Figura 05). Isto indica que, mesmo com o aparente desinteresse dos mais jovens à esta atividade, ainda existem pessoas interessadas em aprendê-la, como é o caso desta última artesã, que há um ano aprendeu a arte e se dedica a ela também como forma de complementar sua renda familiar. Além do termo ‘ajuda’ utilizado pelos informantes para definir seu artesanato, foi frequente a relação da atividade ao lazer e bem-estar do indivíduo, sendo considerado uma ‘terapia’ para alguns. D’Ávila (1983), além de ressaltar a importância sócio-econômica do artesanato, enfatiza que o maior significado dessa atividade na vida contemporânea é a contribuição para o desenvolvimento integral da personalidade do ser humano. Quanto ao aprendizado, sete dos oito artesãos aprenderam o ofício através de familiares e apenas um através de amigos ou vizinhos, demonstrando que conhecimento é comumente herdado através de pedagogia do ‘aprender fazendo’.

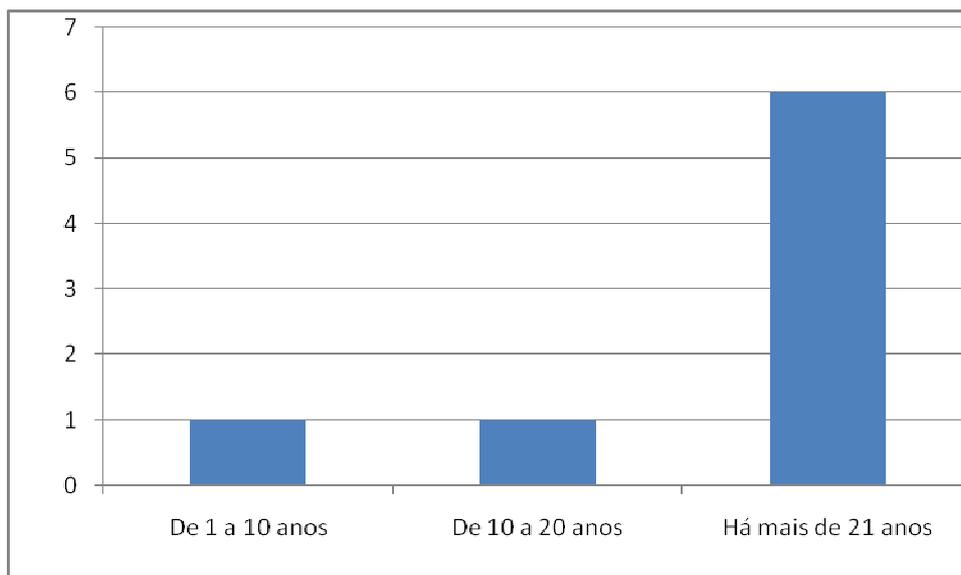


Figura 05: Tempo de prática do artesanato e número de artesãos entrevistados da Guarda do Embaú, Palhoça, SC.

A renda mensal familiar varia muito durante o ano. Por se tratar de um ponto turístico, no verão a economia local é fomentada e os nativos se dedicam a atividades que geram uma renda extra e possibilitam uma economia para a época de baixa temporada. Estas atividades podem ser a travessia de turistas de barco para a praia, pois deve-se atravessar o rio para se chegar ao mar, ou aluguéis de imóveis e quartos. Durante a baixa temporada, dedicam-se à pesca e ao artesanato. Metade dos entrevistados responderam que sua renda mensal é de até um salário mínimo e outra metade alegou que varia de dois a três salários mínimos.

Todos atribuem alguma importância ao artesanato na renda familiar, sendo que quatro caracterizam como sendo de grande importância e três de média importância. Exceto uma informante que, por estar desempregada, parou sua atividade a fim de procurar emprego, atribuiu importância nula na sua renda no momento. Os artigos feitos pelos artesãos da Guarda do Embaú são normalmente vendidos nas próprias casas dos artesãos, sob encomenda. Alguns vendem para uma loja localizada no Mercado Público

em Florianópolis, mas nenhum respondeu vender seus artigos para as lojas locais de artesanato. Estas lojas, que frequentemente abrem apenas na temporada, vendem artigos fabricados em outras localidades do estado, do país e também de outros países. O fato é reflexo da falta de políticas governamentais que fomentem e organizem a produção do artesanato como forma de desenvolvimento econômico e social local, bem como, num contexto mais amplo, a perda de relações do ser humano com o seu meio, suas referências culturais e o engajamento em culturas exóticas sem conscientização e integração assimilada (D'ÁVILA, 1983), que pode ter como consequência a perda de identidade com a sua cultura autêntica.

Para D'Ávila (1983), a importância dos artesanatos na sociedade contemporânea tem seu maior significado e valor pelas referências culturais e humanas de seus estilos. Os objetos artesanais traduzem comportamentos, e, portanto podem ser vistos como mensagens, transmissoras de informações decodificáveis pelos membros do grupo ou sistema. Deste modo, o artesão tradicional é herdeiro e intérprete, cabendo-lhe, na sociedade contemporânea o importante papel de testemunho. As obras artesanais são significantes que nos permitem leitura da cultura tradicional e traduzem as modificações que tal cultura foi e está sendo submetida pela inclusão de significados que antes lhe eram estranhos e que a ela se incorporam (VIVES, 1983).

Lima (2005) reconhece o potencial valor de mercado dos produtos artesanais tradicionais ao demonstrar que agregados a estes estão valores culturais, de identidade e de expressão, um bem que extrapola o domínio superficial, e defende que dentro das relações de mercado, os objetos artesanais não sejam vistos apenas como uma mercadoria, mas como produtos diferenciados, para que não se perca a dimensão cultural que há neles. Já D'Ávila (1983) evidencia a importância de uma consciência cultural como contexto e desenvolvimento adequado às atividades artesanais, atribuindo

uma importância ao ofício de auxiliar a resolução de problemas de ordem econômica e social de países em desenvolvimento, como o Brasil.

Todas as casas visitadas pertenciam aos informantes. Durante a pesquisa, procurou-se entrevistar as pessoas que detinham o conhecimento da prática do artesanato, mas era comum os artesãos contarem com auxílio de outros para a coleta, transporte e também na venda das mercadorias. Além disso, atualmente todos os artesãos utilizam um fio chamado *gebra*, fabricado a partir da reciclagem de pneus em Itajaí, no lugar do fio *piteira*³, que era fabricado localmente a partir de recursos vegetais da região, para trançar as fibras de taboa e do junco.

Todos os artesãos conhecem o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e apenas um não reconheceu importância alguma desta Unidade de Conservação para o seu artesanato. Cinco informantes atribuem que a importância encontra-se na preservação e na proteção da natureza, duas pessoas atribuem importância ao evitar e apagar queimadas, uma à proteção contra o crescimento urbano e construção civil. Um artesão atribuiu uma importância e também um aspecto negativo ao mesmo tempo: a proibição da extração de taboa e do junco de dentro da Unidade de Conservação e apenas um artesão manifestou sua opinião a favor da permanência do Parque no modelo antigo.

4.2. O Uso do Junco e da Taboa no Artesanato

Os artesanatos tradicionais feitos pelos informantes da Guarda do Embaú são as esteiras de junco e de taboa (Figura 06). Originalmente, esperava-se encontrar mais espécies vegetais usadas na confecção de artesanatos, além do junco e da taboa, mas isto não ocorreu. Estas esteiras, no entanto, podem ter diferentes usos, segundo os artesãos, como cortinas, tapetes, ‘jogo americano’, etc. Apenas dois artesãos citaram artigos

³ Provavelmente uma agavácea.

diferentes como bolsa de fibra de taboa e telhado para forração também de taboa, indicando que há inovação no artesanato local.



Figura 06. Esteira de taboa. (foto: Marli Luisa Juarez y Sales)

A média de esteiras feita pelos artesãos em atividade é de 21 de junco e 21 de taboa por mês, e dedicam-se cerca de 5 horas diárias a arte (figura 07).

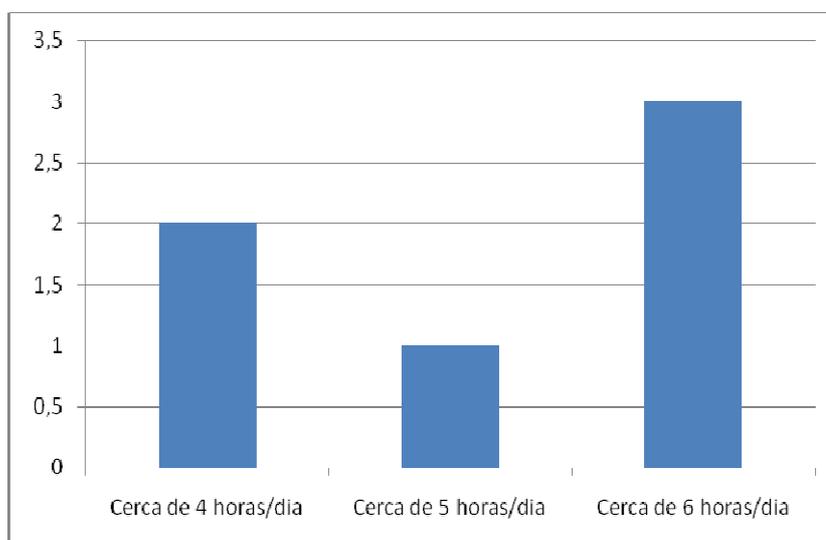


Figura 07. Horas dedicadas ao artesanato diariamente pelos artesãos e número de artesãos entrevistados na Guarda do Embaú, Palhoça, SC.

O modo de fazer as esteiras é comum entre todos. As coletas da taboa e do junco só acontecem com tempo bom. Como o ambiente da taboa normalmente é alagado, os artesãos utiliza-me de botas, mas também luvas, foice para ceifá-las e normalmente chapéu e outras proteções contra o sol (Figura 08). Apenas um artesão citou o uso de protetor solar. O transporte é feito pelo veículo próprio para um artesão, de carroça para outro e os demais fretam transporte com terceiros. Normalmente, a coleta é feita pela manhã e leva todo o período. Após a coleta, as taboas são ‘desfiadas’, momento que se separam as folhas e depois são estendidas ao sol para secar por cerca de cinco dias (Figuras 09 e 10), recolhendo-as durante a noite. Um esteira de taboa tem o comprimento de 1,90 metros por 75 centímetros, demorando em média 4 horas para ficar pronta. O junco é coletado de maneira semelhante, porém ele é arrancado e não cortado. Separa-se os mais verdes dos ‘secos’ e o material coletado é estendido ao sol por 10 a 15 dias. Uma esteira de junco tem o tamanho de 2 metros por 75 centímetros, demorando cerca de 4 horas para trançá-la.



Figura 08. Coleta da taboa por artesãos da Guarda do Embaú, SC. (Foto: D. Cotinha)

As esteiras são tecidas num ‘tendar’ ou ‘tenda’ (figura 11) – armação feita com duas hastes de maneira, ou em alguns casos um tronco de árvore, no sentido vertical, e dois bambus, de dois metros de comprimento, no sentido horizontal, formando um retângulo. No sentido vertical, paralelos entre si, estão esticados nove fios de ‘gebra’, presos a um pedaço de madeira chamado ‘birro’, e entre eles é trançada a taboa e o junco.

Todos coletam as espécies, porém uma artesã se lembrou que quando era criança, sua família plantava a taboa numa área alagada mais próxima à sua casa, onde hoje situam-se várias casas. A extração da taboa só não ocorre nos meses de setembro, outubro e novembro, período em que, segundo os informantes, elas ‘espigam’ e impossibilitam o artesanato, mas a coleta diminuiu nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março devido à alta temporada de turismo, intensificando-se principalmente nos meses de maio a julho. Já o junco não é coletado apenas nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, sendo coletado principalmente de maio a julho. Deste modo, observou-se que a coleta da taboa e do junco está relacionada ao período reprodutivo da planta e ao período de alta temporada, onde em ambos os casos, há a redução da extração.



Figura 09. Taboas (*Typha dominguensis*) dispostas ao sol. (Foto: Leonardo Bitencourt)



Figura 10. Juncos (*Androtrichum trigynum*) dispostos ao sol. (Foto: Leonardo Bitencourt)



Figura 11. Artesã trançando fibras de taboa num tendar. (Foto: Marli Luisa Juarez y Sales)

Apenas três artesãos tentaram calcular aproximadamente quantas plantas utilizam para cada esteira, variando de 60 a 100 folhas para a taboa e de 600 a 4 mil para o junco. A altura mínima das plantas coletadas é em média 1,5 metros para a taboa e 70 centímetros para o junco. É notável a variação entre as estimativas, sugerindo uma falta de noção da quantidade de recursos utilizados na sua atividade. Esta noção é fundamental para que se possa fazer um manejo sustentável destes recursos no local e é de grande importância, caso houver iniciativas para fomentar a produção de artesanato local, estimular os artesãos a observarem o quanto de recursos que utilizam, o quanto extraem do local e o tempo que levam para retornar a extrair dali. De certo modo, até então, os artesãos tem se utilizado de sua observação e seu conhecimento para explorar os recursos.

Durante a entrevista do inventário, era comum os informantes falarem das ameaças às espécies utilizadas para o seu artesanato, àqueles que voluntariamente não falaram, foi perguntado. Para a taboa, houve cinco menções à construção civil, quatro

menções ao fogo, uma menção à pecuária e uma menção à geadá. Para o junco, houve três menções à construção civil, seis menções ao fogo, uma menção à geadá e uma menção aos agrotóxicos utilizados no arrozal existente nas proximidades do rio, mas no município de Paulo Lopes.

As áreas de coletas são comuns a todos os artesãos. Na figura 12 estão indicados os principais locais de onde os informantes extraem a taboa e o junco atualmente. Observa-se que as áreas de coleta do junco estão localizadas mais próximas ao litoral, como o esperado por se tratar de uma espécie de restinga, e a taboa é coletada em locais mais afastados, nos ambientes de banhado.

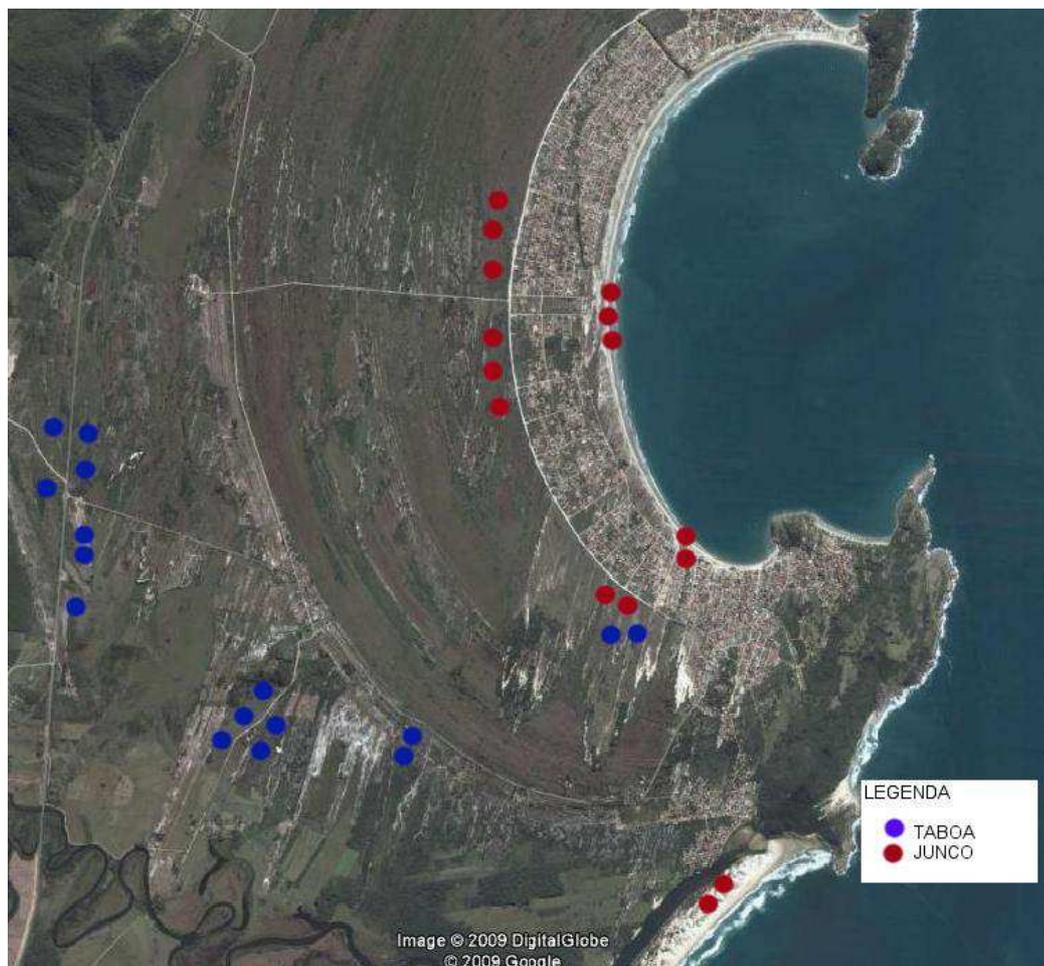


Figura 12. Locais de coleta da taboa e do junco por artesãos da Guarda do Embaú, Palhoça, SC. (modificado a partir de GoogleEarth, 2009)

4.3. Os Artesãos e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

Durante a pesquisa, não verificou-se nenhuma posição extremamente contrária a existência da Unidade de Conservação no local, mas ao contrário, houve manifestações a favor do Parque e até da permanência da atual categoria de Proteção Integral. É importante salientar a possibilidade de as respostas terem sido influenciadas pela presença de um entrevistador, estudante de Ciências Biológicas e envolvido na questão ambiental, que pode tendenciar a resposta à concordar com a causa. Era frequente em suas falas a preocupação com o crescimento urbano da área, temendo a ameaça à natureza, em especial ao rio, e à população nativa. A alteração da categoria da unidade de conservação permite uma maior flexibilidade para investimentos no local, por se tratar de um balneário turístico, o padrão de vida poderá aumentar, aumentando, por consequência, o valor dos preços de terrenos. Já é comum a saída de filhos e parentes para outras localidades do município.

A atividade do artesanato não é citada em nenhum momento no projeto criado para o Mosaico de Unidades de Conservação Terras do Massiambu. Como desde a época de criação do PEST aos dias atuais não foi feito um plano de manejo para a área, a atividade existe sem qualquer interação com propostas de manejo da Unidade de Conservação. Há apenas a fiscalização realizada pela polícia ambiental, que, por se tratar de uma UC de proteção integral, coíbia a retirada de taboa e do junco de dentro da unidade. Pesquisas como a de Souza *et al.* (2003), ao avaliar a extração da samambaia-preta e de outros produtos vegetais usados como matéria prima para o artesanato na região de mata atlântica no estado do Rio Grande do Sul, apontam a importância de estudos mais específicos a fim de buscar um manejo adequado da extração desses vegetais, principalmente em áreas de proteção integral.

Numa análise preliminar, a extração de taboa e do junco pelos artesãos da Guarda do Embaú não parece ameaçar a permanência da espécie no local, já que a atividade existe há décadas e aparentemente já houve mais artesãos atuantes do que hoje em dia, porém, a construção civil e a fragmentação das áreas aparenta representar maior perigo. Algumas iniciativas já vem sendo tomadas em situações semelhantes, como o neo-extratativismo, onde extrativistas tomam algumas atitudes deliberadas que visam influenciar positivamente a área de extrativismo, tornando o extrativismo aleatório num processo consciente de domesticação (SOUZA, 2003). No sentido econômico, neo-extratativismo é a combinação de atividades estritamente extrativas com técnicas de cultivo, criação e beneficiamento imersas no ambiente social dominado por uma cultura singular (RÊGO, 2000), maximizando a produção e auxiliando a geração de renda para a população local.

5. Considerações Finais

O artesanato tradicional feito na Guarda do Embaú é herança cultural da comunidade que habita o local há décadas. Hoje, encontra-se concentrado ao empenho de dez artesãos que dedicam em média 4 horas do seu dia à prática do artesanato. A falta de informação, divulgação e reconhecimento da cultura local são algumas das iminências que podem fadar essa atividade ao esquecimento.

É necessário maior reconhecimento das autoridades locais, bem como da população em geral, para esse resqúcio da cultura tradicional palhocense. O apoio e fomento à esta atividade pode trazer diversos benefícios – de ordem econômica: gerando empregos, dando maior autonomia para as pessoas se estabelecerem em seus locais de origem e evitando migrações para os centros urbanos, além de contribuir para o turismo; de ordem social: desenvolvendo habilidades manuais, iniciativa, improvisação, criatividade e todas as qualidades inerentes ao artista nas pessoas envolvidas; e de ordem cultural e histórica: o artesão conhece técnicas tradicionalmente conservadas, os objetos criados são respostas às necessidades do meio onde surgiram, sejam elas ligadas ao trabalho, à vida doméstica, à devoção, ou à diversão (VIVES, 1983). Por fim, pode haver também uma contribuição de ordem ambiental, incentivando a manutenção de populações das espécies exploradas em suas áreas de ocorrência natural, em oposição à substituição dessas áreas por áreas urbanizadas.

Para Pimbert & Pretty (2000), é de grande importância que esforços em conservação identifiquem e estimulem os processos sociais que permitem às comunidades locais associar a conservação ao seu modo de vida. Nesse contexto, o neoextrativismo pode contribuir para compatibilizar a geração de renda e a conservação

na Baixada do Massiambu. Organizações locais, como uma cooperativa de artesãos, também são importantes para a conservação e uso sustentável da biodiversidade local ao reforçarem regras, incentivos e penalidades que trazem à tona um comportamento adequado para a conservação e uso racional e efetivo dos recursos (PIMBERT & PRETTY, 2000)

A falta de reconhecimento dos artesãos nas atividades e projetos desenvolvidos por diferentes autoridades reflete um descompromisso com a participação dos moradores locais no planejamento do desenvolvimento para o local, descartando sua contribuição e potencialidade. Este parece ser um momento estratégico para a área, já que grandes mudanças chamam atenção de diversos setores da sociedade, como a duplicação da BR – 101 e a alteração da categoria da UC na região da Guarda do Embaú. O fomento à criação de uma cooperativa pode ser uma grande contribuição para a localidade, bem como realização de oficinas para transmissão dos saberes, feiras, divulgação e também uma estratégia de escoamento dos produtos.

Estudos visando o impacto da extração das espécies utilizadas fazem-se necessários para estabelecer bases para um manejo adequado, bem como para regulamentar a atividade junto à nova UC de Proteção Ambiental do Entorno Costeiro do PEST e estar presente no seu plano de manejo. Estes estudos podem enfocar aspectos como registro histórico do artesanato local, a quantidade de extração e uso, bem como a regeneração dos locais de extração. Espera-se que o levantamento das informações etnobotânicas e do processo artesanal baseado em taboa e junco na Guarda do Embaú presentes neste estudo possam ter importância na elaboração de políticas e programas de incentivo ao artesanato como atividade econômica sustentável para a localidade.

6. Referências

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. DE; ALENCAR, N.L. 2008. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: Albuquerque U.P.; Lucena, R.F.P. de; Cunha, L.V.F.C. da (orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª ed. revisada, atualizada e ampliada. Recife: COMUNIGRAF; p.41-72.
- ALCORN, J. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E., VON REIS, S.. **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Discorides Press., p. 23-39.
- ALVIM, M. R. B. 1983. Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da ‘arte do ouro de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, B. G. et al. **O artesanão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, p. 49-74;
- BAÍA, L. C. S.; MORAES, N. A.; LOUREIRO, J. M. M. 2007. Arte e Artistas Populares: tradição, identidade e mercado. In: VIII ENANCIB Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação**. Rio de Janeiro: ANCIB/PPGCI.
- CAMPOS, M.D. 2002. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: In Amorozo, M. C. M.; Ming, L. C.; Silva, S. M. P. (orgs.). **Método de coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas - I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste**. Rio Claro, p.47-92.
- COMERLATO, F. 2005. As Representações Rupestres do Estado de Santa Catarina, Brasil. **Ohun**, 2 (2): 150-164.

- COSTA, C. S. B.; SEELIGER, U.; CORDAZZO, C. V., 1988, Dinâmica populacional de distribuição horizontal de *Androtrichum trigynum* (Spreng.) Pfeiffer (Cyperaceae) em brejos e dunas do Rio Grande do Sul, Brasil. **Acta Limnol. Brasil.**, 11: 813-842
- D'ÁVILA, J. S. 1983. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: RIBEIRO, B. G. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, p. 167-188.
- DIEGUES, A. C. 2000. Etnoconservação da Natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: Novos Rumos para a Conservação nos Trópicos**. São Paulo: Hucitec, p. 01-46.
- DIEGUES, A. C. S. E ARRUDA, R. S. V. (orgs.). 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Ministério do Meio Ambiente**, Brasília.
- FARIAS, V. F. 2004. **Palhoça: natureza, história e cultura**. Florianópolis: Editora do autor, 2004. 291p
- FUNARTE. 1978. **Artesanato brasileiro**. Introd. de Clarival do Prado Valladares. Rio de Janeiro. 165 p.
- HANAZAKI, N. et al. 2007. **Etnobotânica Caiçara no Litoral Paulista**. São Carlos: Rima, 108 p.
- HANAZAKI, N. 2006. Etnobotânica e conservação: manejar processos naturais ou manejar interesses opostos? In: Mariath, JEA e Santos, RP (Orgs.) (Org.) **Os avanços da Botânica no início do século XXI**. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, p. 485-488

- HEYE, A. M. 1983. Repensando o artesanato: algumas considerações. In: RIBEIRO, B. G. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, p. 167-188;
- JOLY, A. B. 1977. **Botânica**: Introdução à taxonomia vegetal. 8. ed. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 777 p.
- LACERDA, V. D. 2008. **Quintais do Sertão do Ribeirão: Agrobiodiversidade sob um enfoque etnobotânico**. Monografia (Graduação) - UFSC, Florianópolis.
- LIMA, R. G. 2003. **Artesanato e arte popular**: duas faces de uma mesma moeda?. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2009
- LIMA, R. G. 2005. **Artesanato**: Cinco pontos para discussão. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 22 maio 2009.
- MARTINS, Lucia H. S.; FLORIT, L. F. 2009. A (in)observância dos elementos território e territorialidade no sistema nacional de unidades de conservação: o caso do Parque Nacional da Serra do Itajaí/SC. In: ENANPUR, 13., 2009, Florianópolis. **Anais do XIIIENAnpur Planejamento e Gestão do Território**. CD-ROM.
- OLIVEIRA, I. A. de. 2005. **Gestão de conflitos em parques**: estudo de caso do entorno nordeste do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro – Praia da Pinheira – SC. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- POSEY, D. A. 1987. Introdução – Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, D. (Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1: Ribeiro, B.G. (Coord.): Etnobiologia. Petrópolis: Vozes. p.15-25.

- PIMBERT, M. P.; PRETTY, J. N. 2000. Parques, Comunidades e Profissionais: Incluindo "Participação" no Manejo de Áreas Protegidas. In: DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: Novos Rumos para a Conservação nos Trópicos**. São Paulo: Hucitec, p. 01-46.
- RÊGO, J.F. 2000 Amazônia: do extrativismo ao neoextrativismo. **Ciência Hoje**. 25(147): 62-65.
- REITZ, R. 1984. **Tifáceas**. Flora Ilustrada Catarinense. Itajai: Herbário "Barbosa Rodrigues", 1984. 14p.
- RUGIU, A. S. 1998. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas, SP: Autores Associados, 167 p. Coleção Memória da Educação.
- RUSSI, A. 2004. Cestaria, Homem e Natureza: a arte do trançado do Rio Juquiá-Guaçu. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, 1 (1): 53-61.
- SÁ, I. M. 2007. **Levantamento Etnobotânico em Santo Antonio do Rio Grande, sul de Minas, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 178 pp.
- SANTOS, A. M. DOS,; ESTEVES, F. DE A., 2006. **Primary production and mortality of *Eleocharis interstincta* in response to water level fluctuations**. Aquatic Botany 74(3):189-199.
- SAVIANI, D. 1998. Educação e Trabalho Artesanal. In: RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas, SP: Autores Associados, p. 1-10. Coleção Memória da Educação.
- SEVERO, C. M. 2008. **Pesca Artesanal em Santa Catarina: Evolução e Diferenciação dos Pescadores da Praia da Pinheira**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS, Porto Alegre,.

- SNUC, 2000. Lei Federal nº 9.885 de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 19 de julho de 2000.
- SOCIOAMBIENTAL-Consultores Associados Ltda. 2002. **Parque Estadual da Serra do Tabuleiro – Zoneamento**. Vol. I. Florianópolis, SC, 2002.279 p. Relatório Técnico.
- SOUZA, G. C. de. 2007. **Extrativismo em Área de Reserva da Biosfera de Mata Atlântica do Rio Grande do Sul**: Um estudo etnobiológico em Maquiné. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Botânica, UFRGS, Porto Alegre.
- SOUZA, G. C.; KUBO, R.; DOURADO, A. C.; SILVA, F. e ELISABETSKI, E. 2003. O projeto samambaia-preta e a questão do artesanato como alternativa de renda: subsídios para uma reflexão diante das propostas de uso de recursos naturais e desenvolvimento sustentável. **Anais do I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Sul: Aspectos Humanos da Biodiversidade**. Florianópolis, Brasil, p. 291-...
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. 2005. **Botânica sistemática**: guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 640 p
- VIVES, V. 1983. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, B. G. et al. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, p. 167-188;

ANEXOS

Anexo A

Termo de Consentimento (Anuência Prévia)

Sou Leonardo Bitencourt, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, e estou desenvolvendo um trabalho sobre o uso e o conhecimento de plantas utilizadas para o artesanato aqui na comunidade. O título do trabalho é:

“O Artesanato de taboa (Typha domingensis) e junco (juncus sp.) na Guarda do Embaú, Palhoça, SC”

O trabalho será apresentado na minha universidade em meados de 2009, como sendo o meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Ciências Biológicas. Além de mim, está envolvida no projeto a professora Natália Hanazaki, minha orientadora.

O que queremos com este trabalho é aprender com vocês sobre as plantas utilizadas para o artesanato aqui na comunidade da Guarda do Embaú. Algumas amostras de plantas poderão ser coletadas (folhas e frutos) e levadas para o laboratório, apenas para serem identificadas. Mas para que este trabalho possa ser realizado e possamos conhecer as plantas, gostaríamos de pedir autorização para visitá-lo (a), conversar sobre os usos e acompanhá-lo(a) na coleta das plantas, assim como tirar algumas fotos das plantas e de vocês. A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. É importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados a vocês e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas / Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, CEP 88010-970 Telefone: 3721-9460.

Entrevistado: Depois de saber sobre a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

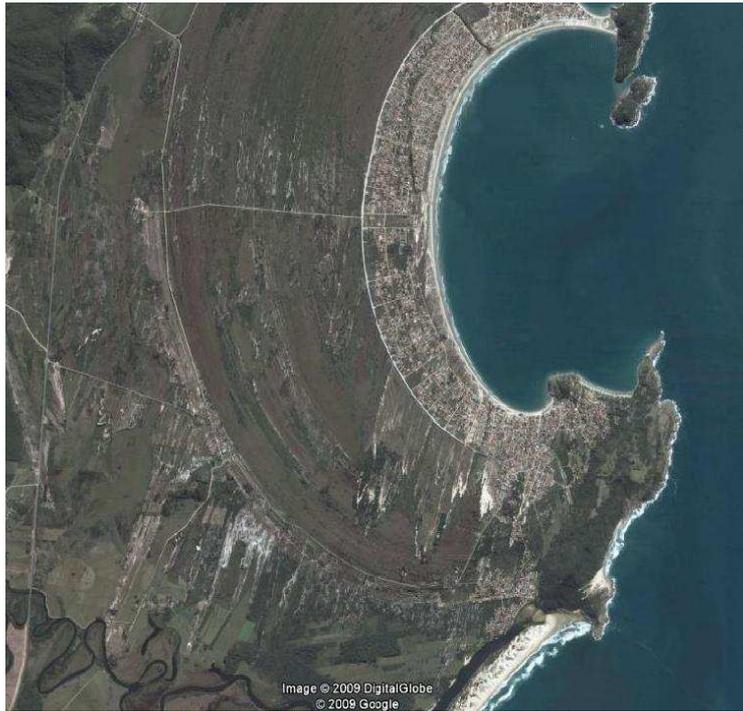
Entrevistado

Entrevistador

Data:

Município, Localidade

Anexo B:



Anexo E

Folder

O ARTESANATO DA TABOA E DO JUNCO NA GUARDA DO EMBAÚ



O artesanato tradicional é aquele que emprega e transmite na sua arte, valores, técnicas e símbolos amadurecidos e reconhecidos no sistema cultural a que pertence. O artesanato da taboa (*Typha* cf. *dominguensis*) e do junco (*Androtrichum trigynum*) é

uma prática tradicional entre os moradores da Guarda do Embaú que existe há gerações, que se utilizam das fibras destas espécies encontradas na região para fazerem seus artigos, especialmente as esteiras. Rico em seus significados, este artesanato representa a cultura e a história do meio onde surgiu.

O artesão tradicional é um profundo conhecedor do meio onde se situa e testemunha em sua arte o próprio meio ambiente onde se desenvolve sua cultura. É também um criador, capaz de adaptar-se a novas realidades, enquanto mantém suas técnicas e padrões.

Para mais informações, procure os artesãos locais ou ligue para os telefones:

Dona Cotinha: (48) 3244-7411

Dona Laureci: (48) 3283-2609

Seo Zé: (48) 3283-2891

